

**TURISMO FAMILIAR: MEMÓRIAS, FENÔMENO TURÍSTICO E O
CARNAVAL PILARENSE (AL)**

**FAMILY TOURISM: MEMORIES, TOURIST PHENOMENON, AND THE
CARNIVAL OF PILAR (ALAGOAS - BRAZIL)**

Raniery Silva Guedes de Araujo

Centro Universitário Tiradentes – Unit/Afya

raniery.araujo@unit.afya.com.br

Karla Estelita Godoy Waizbort

Universidade Federal Fluminense – PPGTUR

karlagodoy@id.uff.br

Resumo:

O artigo trata de fenômeno turístico singular, identificado em pesquisa sobre o carnaval pilarense. Para analisar como se expressa tal acontecimento e a relação entre a festa, a comunidade local e o turismo, realizaram-se entrevistas com moradores e “turistas”, conduzidas pelo método da história oral temática, além de observações de base etnográfica durante o desfile dos blocos carnavalescos “Caçadores” e “Leão de Aço”, na cidade do Pilar (AL). Como resultado, de acordo com as memórias coletivas e históricas construídas e reveladas, verificou-se que a constituição dos blocos apresenta características fortemente culturais quanto ao seu significado e ao seu reconhecimento como patrimônio por parte da comunidade e a ocorrência do que se chamou “turismo familiar”, quando os visitantes participam do contexto social e sua estada decorre de relações de amizade e de parentesco.

Palavras-Chave: turismo familiar; patrimônio cultural; memória sócio-histórica; Pilar-AL.

Abstract

The study considers a singular tourist phenomenon identified in a study on the carnival of Pilar. To analyze this event’s expression and the interplay between festivities, the local community, and tourism, interviews were conducted with residents and “tourists” using the thematic oral history method. Ethnography-based observations were also made during the parades of the “Caçadores” and “Leão de Aço” carnival blocks in the city of Pilar (Alagoas - Brazil). From the collective and historical memories constructed and revealed, it was found that the formation of the carnival blocks exhibits strongly cultural characteristics regarding their significance and recognition as heritage by the community, and the occurrence of the so-called “family tourism”, where visitors participate in the social context and their stay is rooted in friendship and kinship.

Keywords: cultural family; cultural heritage; socio-historical memory; Pilar-AL.

Introdução

Existe noção preponderante quanto ao entendimento do turismo como atividade econômica, especialmente no que tange às ações institucionais voltadas para atender aos interesses empresarial e comercial. Contudo, há teóricos que apontam outras possibilidades de se pensar o turismo. Tribe (1997), por exemplo, compreende a existência de dois campos de estudos do turismo: aquele predominante voltado para o mundo dos negócios, que tem enfoques na comercialização do produto turístico, nas estratégias corporativas, nas leis do turismo e no processo de gestão, enquanto o outro campo se volta para as percepções dos turistas e as interferências e influências que o turismo exerce sobre as culturas e as sociedades. Interessa-nos o segundo enfoque, que aborda o turismo como fenômeno sociocultural. Assim, manifesta-se singularmente, de acordo com tempo, espaço e processos sócio-históricos.

Nessa perspectiva, destacamos que estudar o turismo como fenômeno social, histórico e antropológico significa lidar com “controvérsias” (LATOURET, 2000), ou seja, quando pontos de discussão científica não estão acabados, mas sim em constante construção e contradição (GODOY, 2015). Tal abordagem fornece suporte teórico para o debate que buscamos empreender acerca do fenômeno turístico aqui investigado.

Assim, para melhor compreendermos a festa carnavalesca da cidade do Pilar – Alagoas – Brasil e sua relação com o turismo, mapeamos controvérsias, estudando seus dois blocos carnavalescos mais tradicionais, os “Caçadores” – 1924 e o “Leão de Aço” – 1925, adotando, principalmente, metodologias de base etnográfica e história oral temática.

“Os estudos de base etnográfica são adotados como aqueles que abraçam os fundamentos antropológicos da etnografia e os trabalham circunscritos e equivalentes a um estudo de campo etnográfico exploratório” (GODOY, 2021, p. 14). Já a história oral temática é aquela em que a entrevista parte de um assunto específico e previamente estabelecido pelo entrevistador, não abrangendo necessariamente a totalidade da existência do informante, o que possibilita a coleta de numerosos depoimentos e informações, com suas principais convergências, divergências e evidências de memórias coletivas (FREITAS, 2006). A incursão de base etnográfica contou com a pesquisa de campo durante os desfiles dos blocos, conversas com os brincantes, apontamentos em diário de campo e registros fotográficos para análises posteriores. Quanto ao projeto de história oral fizemos o uso da metodologia de Meihy (2005) no qual utilizamos como comunidade de destino, os brincantes da festa carnavalesca pilarense; colônia, aqueles envolvidos nos blocos

Caçadores e Leão de Aço; já a rede foi tecida por indicações dos próprios brincantes dos blocos. Durante os levantamentos preliminares de informações, todas as pessoas que foram ouvidas indicaram José Inaldo, Caçadores e Sérgio Moraes, Leão de Aço como pessoas conhecedoras da história e memórias dos blocos. Sendo assim, foram considerados o ponto zero da pesquisa e por meio de suas indicações, a rede de informantes foi ampliando-se.

Para agregar as nossas metodologias optamos pelo arcabouço teórico da memória social e histórica. No tocante a memória como fenômeno social/coletivo, baseamo-nos em Halbwachs (2013) que leva em consideração os quadros de referência/vivência na construção da memória individual, estabelecendo-a como um ponto de vista sobre a memória coletiva, a sucessão de lembranças, mesmo as mais pessoais, será explicada através da dinâmica de nossas relações com os diversos ambientes coletivos. Já tratando da memória histórica, fazemos uso das ideias de Nora (2012) no qual acredita que vivemos um processo de aceleração da história com a mundialização, a democratização, a massificação e a mediatização, causando o esfacelamento da memória, restam apenas resíduos que são ancorados em "lugares de memória", como, museus, arquivos, cemitérios, coleções, festas, aniversários, processos verbais, monumentos, santuários.

A relevância social da pesquisa se relaciona com a identificação da baixa estima dos jovens quanto à importância desses blocos carnavalescos quase centenários e com a raridade de registros escritos sobre eles. Além disso, reconhecendo a festa carnavalesca como "lugar de memória", debruçamo-nos sobre o trabalho acerca das memórias e afetos dos dois blocos mais antigos, em atividade, da cidade do Pilar.

No transcorrer das primeiras entrevistas, já ficou perceptível que não estávamos tratando de simples blocos em que pessoas se juntam para brincar o carnaval, mas sim de organizações sociais complexas que estabelecem processos territoriais que transcendem a festa carnavalesca e dialogam com questões que envolvem aspectos, socioeconômicos, políticos, religiosos, etc. Assim adotamos aportes teóricos/metodológicos da micro-história, com atenção aos detalhes do cotidiano, redução de escala de observação, correlações e contradições narrativas, e descrição etnográfica, conforme preconiza Ginzburg (2006) e Levi (1992).

Diante das memórias construídas e reveladas, refletimos sobre as noções de memória, turismo e patrimônio cultural, enquanto conceitos móveis; identificamos as principais mudanças sociais e tradições presentes no processo histórico dos blocos; e analisamos como as relações controversas entre patrimônio cultural e turismo podem influenciar na preservação de tradições

carnavalescas.

Sendo assim, fomos a campo partindo do pressuposto de que a festa era essencialmente local e sem grande apelo turístico, mas, durante a pesquisa, descobrimos o que chamamos de “turismo familiar”, que ocorre quando os visitantes participam do contexto social e sua estada decorre de relações de amizade e parentesco.

2. Por uma visão sociocultural e histórica do turismo

Conforme Barretto (2008), os estudos científicos acerca do turismo iniciaram-se durante a primeira metade do século XX, quando universidades europeias buscaram compreendê-lo com base no arcabouço teórico-metodológico da ciência econômica, caracterizando-o como uma atividade comercial.

Para melhor compreensão das possibilidades de abordagens dos estudos turísticos, Jafari (2005) apresentou cinco plataformas teóricas, sendo a primeira delas compreendida a partir da década de 1950, e, cronologicamente, as demais foram surgindo e coexistindo. A primeira plataforma ficou conhecida como a da apologia ou do otimismo, em que organizações e instituições que têm interesses econômicos no turismo, superdimensionam seus aspectos positivos; a segunda foi a da precaução ou do pessimismo, em que estudiosos da área de ciências sociais e humanas procuram demonstrar que os impactos do turismo não têm sido tão benéficos nos destinos receptivos; a terceira, a da adaptação, é quando a proposta passa por uma conciliação dos interesses que atendam tanto aos turistas quanto às comunidades anfitriãs, com modelos de turismo mais brandos, de baixo impacto, visando à sustentabilidade; a quarta é a científica ou do conhecimento, em que Jafari procura situar o turismo dentro de um contexto maior que o acolhe, a sociedade, e atenta que se deve estudar cada vez mais para se atingir a compreensão holística do turismo, crendo que a maturidade desta plataforma estabelecerá o Turismo como disciplina científica, embora saibamos que o turismo caracteriza-se como um campo do conhecimento transversal, não disciplinar; a quinta e última plataforma é a pública, que trata das relações de poder, de como entidades e órgãos devem galgar espaços e/ou postos representativos, para tratar do turismo da maneira que levem em consideração o planejamento, prospecção de cenários e o interesse público por turismo.

Ainda que ciente da coexistência entre as plataformas, nossa pesquisa assume postura crítica quanto ao que preconiza a plataforma apologética, e, diante da complexidade que envolve

o fenômeno turístico em seus aspectos sociocultural e histórico, dialoga com as plataformas da precaução, da adaptação e do conhecimento.

É necessário, também, ampliar o olhar sobre o turismo para além da dimensão econômica, sobrepondo a visão reducionista de que o sucesso turístico se baseia simplesmente no aumento do fluxo de turistas, que redunde em maior arrecadação financeira. O Turismo precisa ser enxergado em sua base fenomenológica, tendo, nas questões socioculturais e históricas, sua essência ontológica. É primordial superar a ideologia que reduz lugares a produtos, e turistas a meros consumidores. (ARAUJO; GODOY, 2016, p. 11-12).

Existem, de modo semelhante, duas posturas contraditórias quando se trata do turismo:

Primero una postura dominante, que considera el turismo como: “una fuente de riqueza y, por tanto, de creciente bienestar, para aquellos países hacia los que se dirige, razón por la cual, sólo puede ser correctamente estudiado desde el punto de vista económico”. Como se puede ver en esta expresión, el bienestar es de tipo macroeconómico. En segundo lugar, se refiere a “las escasas voces que se atreven a destacar los aspectos sombríos del turismo”, como el aumento del coste de la vida para la población residente y ciertos aspectos relacionados con la moral. En esta postura, ya aparece una preocupación por los impactos dañinos en la comunidad de acogida. (VON SCHULLERN, 1911 apud ASCANIO, 2010, p. 636)

Para a compreensão do turismo pelo viés social, necessitamos de uma mudança de perspectiva na interpretação de seus estudos, tendo em vista que o fenômeno envolve processos de sociabilidades entre pessoas com diferentes histórias e culturas. Assim, deveremos considerar aspectos relacionados à afetividade, emoções, experiências e vivências, em contrapartida ao entendimento de turismo cultural meramente como um segmento mercadológico.

O Turismo é um fenômeno sociocultural de profundo valor simbólico para sujeitos que o praticam. Simbólico porque as práticas realizadas, os produtos e serviços envolvidos significariam menos pelo seu valor venal ou valor de troca, e mais pelo seu valor de uso e pelo seu valor afetivo. (GASTAL e MOESCH, 2007, p. 12)

Para dar suporte a uma perspectiva antropológica, adotamos autores como Cunha (2005), que versa sobre a necessidade de o comércio servir à teia social, e não o inverso: com o valor das trocas tendo precedência sobre o valor de troca – visão que corrobora com o que entendemos por fenômeno turístico, em que as trocas socioculturais resultantes de sua prática devem ser mais importantes que sua produtificação comercial.

Gonçalves (2003, p. 24), por sua vez, esclarece que “é preciso contrastar cuidadosamente as concepções do observador e as concepções nativas”. Foi fundamental, portanto, adotar a observação de base etnográfica, praticada durante o carnaval pilarense, nos anos entre 2015 e 2020 e, posteriormente, em 2023, tendo em vista que nos anos de 2021 e 2022 não houve festa

por causa da pandemia de Covid-19. Identificamos que conceitos prévios adquiridos na academia ou por ela construídos muitas vezes não estão de acordo com as concepções nativas. O que nos faz entender que o turismo e o patrimônio cultural são campos de conhecimento dinâmicos e que possuem conceitos móveis, adaptando-se a diferentes realidades locais.

Também embasados por teorias da memória social/coletiva de Halbwachs e da memória histórica de Nora, realizamos entrevistas de História Oral temática, com pessoas que possuem bastante afetividade pelos blocos “Caçadores” e “Leão de Aço”.

3. O turismo conforme compreendido pelos agentes sociais envolvidos nos blocos caçadores e leão de aço

Para Brandão e Coriolano (2016), turismo convencional é aquele que está relacionado ao modelo de desenvolvimento hegemônico, visando beneficiar os agentes globais do mercado em detrimento das comunidades locais. Atende apenas aos interesses das grandes corporações capitalistas e seu foco é apenas o lucro, sem preocupação com a interação entre turistas e anfitriões. Acreditávamos que ao entrevistar¹ agentes sociais envolvidos com os blocos “Caçadores” e “Leão de Aço”, obteríamos visões convencionais, economicistas do turismo, no entanto fomos surpreendidos por narrativas reconhecendo suas práticas enquanto oportunidade de aprendizagem, acessibilidade cultural e lazer.

Eu acho o seguinte, o turismo hoje não é que seja apenas uma indústria. O turismo é a oportunidade de conhecimento. Eu acho, assim, que o turismo é até uma oportunidade de aprendizado. Se eu saio daqui e vou pra Salvador, eu não vou apenas participar dos blocos no Farol da Barra. Eu quero conhecer a história de Salvador. Eu vou procurar as igrejas históricas, os pontos históricos. Então, o turismo pra mim é isso. É mais um momento que eu estou passeando e estou num aprendizado, né? Não estou apenas fazendo... E além de conhecer, estou fazendo novas amizades. Eu estou, ao mesmo tempo, divulgando a minha cidade, não é? É uma maneira de divulgar as coisas que nós temos no nosso país, no nosso Estado. (Ivo Vicente)²

Falcão (2006) evidencia que, para pensarmos um turismo do desenvolvimento social, é necessário que exista bom relacionamento entre visitantes e anfitriões, focado na preservação das heranças naturais e culturais dos destinos turísticos. Desta forma, devemos compreender o turismo como uma oportunidade de integração social com respeito às diversidades culturais, rompendo-se as amarras do etnocentrismo. Segundo Gastal e Moesch (2007), o turista precisa ser

¹ Todas as entrevistas foram devidamente autorizadas, na época da pesquisa, via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

² Vicente, Ivo. Leonino e depoente em entrevista de história oral temática.

mais cidadão e repensar suas práticas de consumo durante as viagens, não julgando e reprovando o comportamento alheio, muito menos destratando os profissionais que lhes prestam serviço. Por outro lado,

[...] é fundamental que os que recebem visitantes saibam receber; não com subserviência, advinda da força econômica que a atividade turística pode ter e exercer, mas com orgulho de quem sabe quem é e conhece os papéis a desempenhar numa comunidade hospitaleira. (GASTAL e MOESCH, 2007, p. 10)

Vários modelos para fomentar um turismo, de forma que fuja ao convencional foram sendo pensados nas últimas décadas, dentre eles o chamado turismo de experiência, em que o turista deixa de ser mero espectador e busca uma participação mais ativa em contextos culturais que envolvem a viagem, fazendo das inter-relações sociais uma experiência significativa, tanto para os visitantes quanto para os visitados. “Turismo não é só você vir visitar e bater palmas, é participar, é participação” (Flávio Costa)³.

É interessante porque eu percebo que o turista, quando ele vem, ele vem aqui ao Pilar, ele quer conhecer o habitat natural, como aquela pessoa vive, como é mantido aquele bloco. Não importa como esteja a situação. Não importa se é numa sede bem bonita ou é na casa de alguém do bloco. Eu tenho observado isso. Acho interessante. Agora, sempre com aquele olhar voltado para melhorar. Até os anos 90, Leão de Aço e Caçadores não tinham sede. Ninguém tinha sede. Simplesmente dizia, “O Leão de Aço é do Engenho Velho, Torrão. Os Caçadores é do Pernambuco Novo”, né? Não tinha isso aí. Então, foi a partir do então prefeito José Camêlo que ele doou dois locais que passaram a ter a sua sede própria. E isso aí é importante para receber o turista. Agora, o que eu observo, por exemplo, é isso. É que é preciso fazer atividades... Não sei se mensalmente, final de semana, alguma coisa, agenda programada, mas é preciso que se faça algumas atividades nesses dois blocos, nesses dois patrimônios do Pilar não só no Carnaval, mas durante o ano também. (Sérgio Moraes)⁴

Outros entrevistados também chamaram a atenção para a necessidade de os blocos desenvolverem mais atividades durante todo o ano, como bingos, feijoadas e outras festas, além de oficinas de dança, teatro, música, tentando melhor aproveitar o espaço de suas sedes, para oportunizar o lazer tanto para a comunidade local quanto para visitantes. Além disso, em alguns casos, possibilitar arrecadação financeira para contribuir com a organização do desfile carnavalesco. Mas quem seriam os turistas que participariam desses eventos e se existe turismo em Pilar são questionamentos que merecem atenção.

Pilar é uma cidade interiorana localizada no estado de Alagoas – Brasil, em que seus dois bairros mais centrais estão envoltos em uma rivalidade entre dois blocos carnavalescos que

³ Costa, Flávio. Leonino e depoente em entrevista de história oral temática

⁴ Moraes, Sérgio. Leonino e depoente em entrevista de história oral temática.

transcendem a festa momesca e perpassam por questões que envolvem relações sociais, econômicas, políticas e culturais. Os blocos, neste caso, passam a ser um corolário micro analítico para prospectarmos interpretações histórico antropológicas, conforme preconiza Levi (1992).

Como tradição cultural quase centenária, o desfile dos dois blocos não possui apelo turístico em seu viés convencional. No entanto, durante a observação de campo, identificamos a existência de visitantes na cidade durante o desfile dos blocos, mas que não chegam por meio de agências de viagens, nem se hospedam em estabelecimentos hoteleiros. São as relações de amizade e de parentesco que fazem essas pessoas visitarem a cidade tanto durante a festa carnavalesca quanto em outros eventos que ocorrem na cidade. Por inserirem-se no contexto sociocultural local, eles não são considerados turistas, “o outro”, mas sim parte da comunidade.

[...] as pessoas vêm e fica em casa de parentes. [...] eu mesmo tenho a minha família, que ela mora tudinho em Maceió, em Traipu, em Arapiraca, em Palmeiras dos Índios. Eles vêm, tem uma casa aqui né, que fica, vêm muito “praqui” e vem tudinho, só pra acompanhar os Caçadores. Às vezes eu digo, “Fulano veio?”, “Veio, tava lá”, digo, “Nem vi Fulano”, mas tava tudinho lá e fica tudinho ali pertinho da porta-bandeira e tudo. Eu acredito que muitas outras famílias vêm pra Pilar. (Benedita Moura)⁵

Em outro depoimento temos o seguinte relato:

As famílias vêm... [...]. Principalmente os meus. Ainda hoje praticam isso. Dia do Leão de Aço, eles vêm tudinho de Maceió participar também. De dentro mesmo. O pessoal... O Van Camêlo, né? Sempre aparece com a família toda. O pessoal todo aparece. [...] A família está tão grande que vem cunhado, vem sobrinhos que eu nem conheço. Até sobrinho que eu não conheço: “Benção, tio”. Eu digo: “É filho de quem?” Eu pergunto mesmo: “Tu é filho de quem?”. (Albérico Aranda)⁶

Chamamos de turismo familiar situações em que pessoas viajam para se hospedarem em casa de parentes e amigos, participando de seus hábitos culturais cotidianos. A partir de 2019, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) vem trabalhando com estatísticas do turismo, na Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (Pnad - contínua). No item “tipo de hospedagem escolhida” existe a opção “casa de amigo ou parente”, o que contribui para mensurar quantitativamente o turismo familiar e abrir caminho para pesquisas de cunho histórico e antropológico, identificando que as relações de afetos parentais neste tipo de turismo costumam estabelecer identidades territoriais que contribuem com a preservação e salvaguarda do patrimônio cultural, em contraponto a outras formas de turismo consideradas predatórias.

⁵ Moura, Benedita. Caçadora e depoente em entrevista de história oral temática.

⁶ Aranda, Albérico. Leonino e depoente em entrevista de história oral temática.

4. Memória, identidade, patrimônio cultural e turismo

Turismo e Patrimônio Cultural são dois campos do conhecimento que, apesar de possuírem uma relação óbvia de complementaridade, apresentam uma série de controvérsias, pois, corroborando com o pensamento de Latour (2000), estão na esfera da “ciência em construção”, processual, e não da “ciência acabada”, pronta, com conhecimentos científicos e técnicos já assegurados.

Muito se discute em ambas as áreas sobre o quanto o turismo pode ser prejudicial aos bens culturais, tombados ou não, mas ainda não é comum discutir as novas maneiras de se fazer turismo, menos prejudiciais ao patrimônio. (MAURÍCIO e ABREU, 2014, p. 401)

Somando-se a esta percepção da relação entre turismo e patrimônio, temos:

O turismo pode, sim, contribuir com a salvaguarda do patrimônio cultural, mas para isso precisa ser pensado em sua essência, como um fenômeno sociocultural, tendo em vista o viés da representatividade simbólica do patrimônio, e a oportunidade que ele gera para a aprendizagem/educação patrimonial, por meio do interacionismo cultural. (ARAUJO, 2017 p. 90).

Na busca por novos olhares acerca do turismo, resolvemos utilizar aportes histórico-antropológicos, fugindo do modelo mais convencional de estudos turísticos, que parte de proposições, para uma abordagem mais processual e fenomenológica. Assim sentimos a necessidade de realizar pesquisa de base etnográfica e refletir sobre as memórias coletivas e históricas dos blocos, para identificar possíveis relações entre patrimônio cultural e turismo.

Os blocos carnavalescos Caçadores e Leão de Aço têm suas datas de fundação, respectivamente, em 15 de fevereiro de 1924 e 26 de fevereiro de 1925. Eles possuem uma forte relação de identidade para com os territórios os quais pertencem, sendo os Caçadores do Pernambuco Novo, bairro que possuía grande quantidade de funcionários do alto escalão da extinta Fábrica de Fiação e Tecidos Pilarense, assim como muitos funcionários públicos, enquanto o Leão de Aço é do Engenho Velho e Torrão, bairros onde viviam os operários da já mencionada fábrica de tecidos, além de ser o maior reduto de pescadores da cidade. Conhecendo-os por meio dos depoentes:

Tinha um cidadão, chamava Antônio Evangelista de Lima, que ele era... ele era canoeiro... ele fazia canoas, e naquele... naquela época, ele gostava de caçar, nesse tempo Pilar tinha muita mata, ele gostava de caçar, então final de semana, ele chamava os companheiros, tinha cachorro bom de caça e saía, passava o final de semana dentro da mata, pra caçar, e no Carnaval ele pensou... eram muitos caçadores, né, tinha caçador

lá no Pernambuco Novo, aqui no Centro, Engenho Velho, aqui tinha caçador. Então ele para prestar homenagem que tinha muitos caçadores, ele inventou esse bloco, criou esse bloco, botou o nome Os Caçadores e brincaram Carnaval no primeiro ano, no segundo lotou e já foi mais gente, foi crescendo, e daí pegou. Então o nome dele é Antônio Evangelista de Lima que chama Antônio Ventanias, um negócio desse não se faz só, né, então tinha Balbino Alves, esse Balbino Alves era funileiro, tinha outras pessoas, tinha mais gente. Esse Balbino ele era funileiro e no pilar a energia era fraca, então tinha momento que a noite, o bloco tava na rua a noite, a energia fraca, ele fez dois candeeiros de quatro bico, ele botava um perto da porta-bandeira que era pra clarear, né, e outro pra ajudar a orquestra, ele fazia isso pra noite quando tivesse escuro, tá clareando, essas partes. (José Inaldo)⁷

Agora tratando do outro bloco,

[...] o Leão de Aço foi feito pelos pintores, né? Rafael Pintor, um pintor, que juntou os pintores que caiavam. Por isso que eram Caiadores de Aço, né? [...] O Leão de Aço tem como data de fundação o dia 26 de fevereiro de 1925, mas nós já temos foto dos dois na Praça da Matriz em 1921. Então, oficialmente se colocaram como 1925, mas já tem foto dos dois blocos com o registro CCC (Clube Carnavalesco Caçadores) e o Clube Carnavalesco Caiadores de Aço que era antes o nome Leão de Aço. Então, são blocos antigos, né? (Sérgio Moraes)

Tendo em vista que a história é processual, dinâmica e mutável, identificamos que existe uma memória oficial que reconhecem as datas de 1924 e 1925 como as de fundação dos blocos, enquanto alguns pontos de controvérsias surgem, como a já citada fotografia de 1921 (Figura 1), assim como relatos de alguns blocos que antecederam o “Caçadores” e “Leão de Aço” podendo ser seus embriões. O que é relevante é saber que estamos lidando com manifestações culturais praticamente centenárias.

Figura 1 - Blocos na praça, possivelmente 1921



Fonte: Acervo pessoal do José Inaldo (Zé do Feitor).

O micro-historiador Ginzburg (2006, p.10), tratando das memórias sócio-históricas de um moleiro que viveu em uma região campesina italiana durante o século XVI, correlacionou

⁷ Inaldo, José. Caçador, depoente em entrevista de história oral temática.

tessituras culturais em um processo de “circularidade’: entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas [...], um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo”. Quando analisamos os discursos acerca dos blocos estudados, prepondera um imaginário de que os “Caçadores” seria o bloco da elite pilarense, enquanto o “Leão de Aço” o das classes subalternas.

Costumava-se dizer o seguinte. Que o bairro do Engenho Velho era um bairro, assim, de pessoas mais humildes, né? Bairro do Pernambuco Novo se detém assim porque tinham pessoas que tinham recursos, que tinham poder aquisitivo melhor do que quem morava no bairro do Engenho Velho. Hoje já não existe mais essa diferença porque hoje os bairros estão, assim, entrelaçados. As pessoas estão se entrelaçando. Não tem mais essa indiferença por questão de poder aquisitivo. Se bem que ainda existe o clima de que o bairro do Engenho Velho é um bairro, assim, mais humilde porque é um bairro mais pra pescadores, não é? Se bem que Pernambuco Novo também tem pescadores. Bairro de pescador. Mas as pessoas, na época, tinham um poder aquisitivo melhor do que os do Engenho Velho. (IVO VICENTE)

Zodineide Santana⁸, mas conhecida por Zizi, tratando da região a qual pertence o Leão de Aço:

Uma das características mais importante são os pescadores, né? O bairro é um bairro simples, pobre, pequeno em relação aos Caçadores, mas eles têm muita vontade, muita euforia. Não só eles, os pescadores, mas a população, que também no bairro daqui existe. Caçadores também né, a euforia é grande. Muita. Muito grande. (Zizi)

Em tese, até poderemos considerar que, no bairro dos “Caçadores” predominavam as classes mais abastadas, enquanto, no do Leão de Aço, o povo – isso levando-se em consideração o aspecto socioeconômico e, sabendo também, que existia e existe povo no Pernambuco Novo, assim como havia e há pessoas com bom poder aquisitivo no Engenho Velho. No entanto, o carnaval é culturalmente uma manifestação popular em que todos se ajudam, brincam, circulam, transitam de alguma forma e em que arte, conhecimento e entretenimento se retroalimentam singularmente. Entretanto, não devemos cair na armadilha de que, em prol da cultura, a festa se estabelece de forma harmoniosa e pacífica⁹, existem jogos de poderes baseados em processos dialógicos e ideológicos que são estabelecidos tanto pela coerção social da classe dominante, quanto pelos processos de resistência da classe subalterna – adotando a terminologia de Ginzburg (2006).

⁸ Santana, Zodineide. Leonina e depoente em entrevista de história oral temática.

⁹ Vários depoentes relataram que no passado até existiram casos de violência física durante o desfile dos dois blocos, comparando a rivalidade entre eles com a de torcidas de futebol. Assim como também relataram conflitos internos na organização de cada bloco, com questões socioeconômicas permeando às relações de poder.

Atentos a estes detalhes, incursionamos a nossa pesquisa visando melhor conhecer como os dois blocos carnavalescos mais tradicionais de Pilar-AL dialogam com os contextos espaço-territoriais e históricos da cidade.

Vivemos em um mundo de constantes transformações, que vêm sendo influenciadas pelos fenômenos da mundialização, democratização, massificação e mediatização, causando assim um processo de intensificação e aceleração da história com descontinuidades que nos remetem ao esfacelamento da memória. Assim, tratando da memória, restam-nos apenas seus rastros ou resíduos, que são ancorados em "lugares de memória", podendo ser esses lugares: museus, arquivos, cemitérios, coleções, aniversários, processos verbais, monumentos, santuários e festas, inclusive uma carnavalesca, como no nosso exemplo. (Nora, 2012)

Compreendendo o desfile dos "Caçadores" e "Leão de Aço" como um "lugar de memória", indagamos Dona Benedita - ex-presidenta do "Caçadores" - sobre as transformações e as permanências que existem nos blocos por tanto tempo. Ela explicou que o/a hino/música é mantido por muito tempo e chama a atenção o fato de que materiais das alegorias e vestimentas que são substituídos anualmente, não viram acervo para exposições.

[...] a bandeira a gente de vez em quando muda, né? As porta-bandeira, as porta-bandeira os vestidos que devia ser um acervo cultural, ter uma exposição lá de vestido, a gente não tem nenhum guarda-roupa pra botar. Ó... teve presidentes que até cortaram a roupa que a gente devia ter de todos os anos, "Ano Fulano de tal, ano Fulano de tal", guardar bem guardadinho, mas houve presidentes que autorizaram cortar as roupas pra enfeitar carro, eu não acho certo, né? Uma coisa que a gente compra com tanto sacrifício, só Deus sabe o sacrifício que a gente faz, porque dá cinco mil, oito mil reais num vestido pra um dia só, e a pessoa pegar e rasgar e cortar, mandar cortar pra enfeitar um carro, né? Quando a gente sabe que enfeita com TNT, têm tantas outras coisas que a gente pode utilizar e a bandeira a gente sempre troca, as... as fotos se destroem, né? Porque às vezes vem chuva, vem mofo, vem tudo. E eu só acho que são as músicas dos hinos que ele tem. (Benedita Moura)

Os tradicionais hinos/músicas dos blocos, de autoria desconhecida, são os seguintes:

CAÇADORES

Não há, não há, não tem igual.
Os Caçadores são quem mais brilham
Durante o Carnaval.
Que grande festa, que alegria
Nesses três dias de Carnaval
Os Caçadores jogando flores,
Chamando o povo para a folia.
Não há, não há, não tem igual,
Os Caçadores são quem mais brilham
Durante o Carnaval.

LEÃO DE AÇO

É Aço, é aço,
ó que lindo metal,
nesta tarde/noite de folia,
com alegria vamos brincar o carnaval.
Brincar, pular, ó que satisfação,
porque o Aço nessa terra,
tem o orgulho de ser campeão.

Quando da realização de levantamentos preliminares para elaboração do projeto de pesquisa, identificamos uma desmotivação por parte da população ao se referir aos dois mais tradicionais blocos carnavalescos da cidade, dizendo que eles estão a cada ano mais fracos, e que continuando desta maneira poderiam acabar seus desfiles. Segundo Torino (2013), quando percebemos que um bem cultural precisa ser patrimonializado, é porque a continuidade de sua existência está, de alguma maneira, ameaçada. No entanto, em outra etapa da pesquisa, nas entrevistas que envolvem história oral, as mesmas pessoas que a priori haviam apresentado um discurso declinológico para os blocos, envolveram-se de um sentimento afetivo de pertencimento e identidade, dizendo que eles representam uma herança cultural hereditária e histórica da cidade, e que, mesmo com as maiores adversidades que possam existir, em respeito às memórias, o desfile sempre ocorrerá. A memória é a sustentação da identidade, conforme pressupõe Candau (2011), e, juntas, “memória e identidade” caracterizam os processos que acreditamos ser os mais relevantes para se compreender a patrimonialização de bens culturais.

Compreendendo melhor a identificação com os blocos enquanto herança familiar:

Essa... essa relação de identidade vem de berço, vem de berço. Eu já cresci assim, vendo os caçadores, vendo os meus pais amarem os Caçadores, vendo minha irmã ser já porta-bandeira, naquele que tem, não sei nem que data foi, quando eu era pequena eu tinha mais ou menos uns... uns quinze anos, minha irmã já foi porta-bandeira dos caçadores, Neide Lima. E... e aprendi amar assim de tradição mesmo, é de berço mesmo, é de pai, de mãe, de tudo. Irmãos, família, amo os Caçadores de coração, desde o momento em que me entendi de gente. (Benedita Moura)

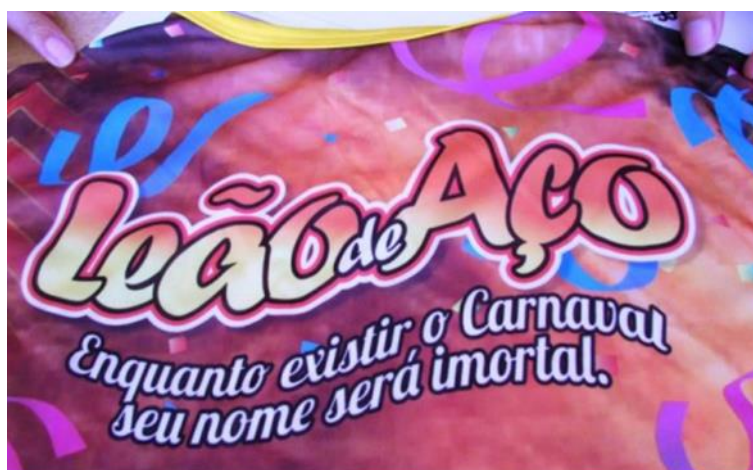
Percebe-se tanto no depoimento acima quanto no seguinte que os discursos proferidos são advindos das memórias afetivas estabelecidas, sobretudo, por meio de relações hereditárias.

Eu hoje eu não tenho muitas atividades por conta da idade, mas eu tenho as atividades emocionais, onde eu me lembro que de lá veio o meu pai, vieram os meus irmãos, vieram os meus tios, os meus familiares e eles criaram também, participaram do bloco Leão de Aço e eu me sinto um membro do bloco e me sinto realmente emocionado todas as vezes que o bloco aparece e em qualquer atividade que o bloco necessita eu

estou sempre presente. (Flavio Costa)

Tratando da possibilidade de fim dos desfiles, Ivanilda Rodrigues¹⁰ relatou: “Mesmo diante da crise financeira, as pessoas, pelo amor que têm, não deixariam. Mesmo que tivesse que usar a roupa do ano anterior, mesmo que não tivesse o carro alegórico, mas o bloco ia pra rua”. José Inaldo que é mais conhecido na cidade como Zé do Feitor, contou a história de um ano em que o Leão de Aço não conseguiu recursos para contratar a orquestra e decidiu não desfilar. No entanto, um rapaz que era violonista, João miudinho, disse: “Não vai sair não, mas eu vou sair”. Então ele se vestiu de vermelho com a esposa e os amigos e saíram com o violão pela rua, o mesmo trajeto do bloco, ele fez com o violão, e o cara com um ‘atabaquezinho”. Esses relatos podemos ver materializados na camisa do ano 2017 (Figura 2).

Figura 2 - Camisa do Leão de Aço no ano de 2017



Fonte: autoria própria

Apesar de não existir um reconhecimento oficial por parte do Estado, todos os entrevistados reconhecem os dois blocos como patrimônio cultural pilarense, tendo em vista sua representatividade sócio-histórica para a cidade. Segundo Laudicéa Guedes¹¹, “Faz parte da história da cidade, né? Então ele é cultural. Faz parte. Não tem no mundo quem fale de Pilar, das coisas antigas de Pilar que não fale nos blocos dos Caçadores e Leão de Aço”.

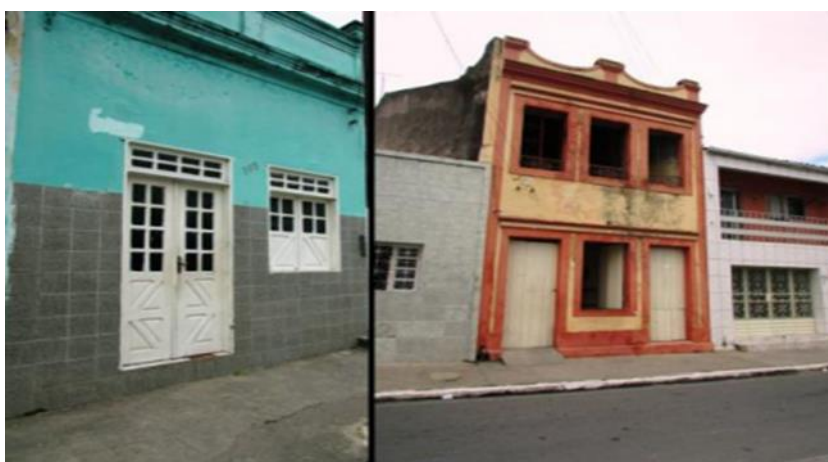
Durante a pesquisa, encontramos vários elementos que reforçam a “ressonância cultural” dos blocos para com a cidade, como casas no bairro Pernambuco Novo, com suas fachadas pintadas de verde e branco em alusão ao “Caçadores”, e, no Engenho Velho, pintadas de vermelho e amarelo em alusão ao “Leão de Aço” (Figura 3). A própria bandeira oficial da

¹⁰ Rodrigues, Ivanilda. Caçadora e depoente em entrevista de história oral temática.

¹¹ Guedes, Laudicéa. Caçadora e depoente em entrevista de história oral temática.

cidade (Figura 4), criada em 1972, durante o centenário de sua emancipação política, recebe as cores verde, vermelha e amarela, em homenagem respectivamente ao “Caçadores”, “Leão de Aço” e bloco dos “Boiadeiros” (inativo). Até as notas de falecimento da cidade evidenciam a origem quando destacam: morre o/a caçador(a)/leonino(a) “fulano(a) de tal”. Por ressonância cultural, Gonçalves (2005, p.19) estabelece que “cada nação, grupo, família, enfim cada instituição construiria no presente o seu patrimônio, com o propósito de articular e expressar sua identidade e sua memória. [...] Os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar ‘ressonância’ junto a seu público.”

Figura 3: Casas do Zé do Feitor e Sérgio Moraes



Fonte: autoria própria

Figura 4 - Bandeira da Cidade do Pilar



Fonte: Casa da Cultura Professor Arthur Ramos

Perguntamos de que maneira sua relação com o turismo pode vir a contribuir com a

preservação dos blocos.

[...], o turismo tanto poderia como deveria contribuir para a preservação dessa cultura, sem dúvida. Era preciso envolver mais a direção do bloco e toda comunidade do bairro nas atividades turísticas do município, de forma que as pessoas percebessem que o bloco é realmente uma coisa importante dentro da cultura da cidade. (Flávio Costa)

Flávio Costa chama a atenção para uma perspectiva em que turismo e patrimônio cultural se desenvolvem concomitantemente.

Precisamos refletir sobre como estamos pensando o turismo nas localidades e, o mais importante, ouvir os agentes sociais envolvidos, para que, em planos de salvaguarda do patrimônio cultural, sua função não seja resumida meramente a proposições mercadológicas. O turismo não deveria ser um meio de produtificar a cultura ou de forjar representações culturais em um modelo mais comercial para atender a uma demanda de mercado – processo que McCannell (2003) chamou de “autenticidade encenada” e Hobsbawm (1990) de “invenção das tradições” –, mas sim de valorizar o patrimônio, levando em consideração valores que não sejam necessariamente os financeiros.

1. Considerações Finais

O estudo possibilitou reflexões acerca da relação entre turismo e patrimônio cultural, identificando que o modelo convencional/hegemônico de turismo acaba influenciando severas mudanças sociais nos destinos receptores.

É importante que, ao analisarmos a relação entre patrimônio cultural e turismo, possamos nos desvencilhar das amarras hegemônicas, possibilitando novos olhares.

Na observação de base etnográfica, identificamos a ausência do turismo convencional/hegemônico durante a festa carnavalesca pilarense, ao mesmo tempo em que percebemos outra forma de turismo, o turismo familiar, que ocorre por meio de relações de amizade e de parentesco entre moradores e visitantes, esses inseridos nos contextos socioculturais existentes e integrados ao cotidiano da festa, ou seja, não é a festa que precisa ser adaptada para recebê-los.

Por meio das entrevistas de história oral, percebemos como as relações entre memória e identidade são importantes para o reconhecimento dos patrimônios culturais, identificando que os blocos “Caçadores” e “Leão de Aço” possuem uma ressonância cultural significativa com a cidade pilarense, tornando-os patrimônios pela aceitação popular.

Diante da própria relação processual de construção da pesquisa, já identificamos o reconhecimento de um depoente, quanto à importância social deste trabalho.

[...] eu quero lhe dizer que eu acho importante esse trabalho seu. Muito importante. E que... porque isso só faz assim, e você vai com esse trabalho, quem sabe, avivar a memória de muita gente que... que não está fazendo nada por nós, pela nossa cidade, e que se interesse mais pelas coisas da nossa cidade, porque isso é a nossa história. Faz parte da nossa história de vida. (Laudicéa Guedes)

Por fim, esperamos que as provocações realizadas durante o transcorrer da pesquisa possam ter realmente “avivado memórias” e sensibilizado a população pilarense quanto à importância dos blocos como herança cultural e acesso ao lazer para a comunidade local e para parentes e amigos que visitam a cidade em dias festivos.

Referências

- ARAUJO, Raniery S. G. *Os blocos carnavalescos "Caçadores" e "Leão de Aço" da cidade do Pilar (AL): controvérsias, memória, patrimônio e turismo*. 130 p. 2017. Dissertação (Mestrado em Turismo) - Faculdade de Turismo e Hotelaria, Universidade Federal Fluminense. Niterói (RJ), 2017. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/7192>> Acesso em: 18, jul. 2021.
- ARAUJO, Raniery Silva Guedes de.; GODOY, Karla Estelita. O Turismo como fenômeno sociocultural: reflexões para além da atividade econômica. In: *Anais do XIII seminário da ANPTUR*. São Paulo: 28 a 30 de setembro de 2016. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/13/472.pdf>> Acesso em: 29, abr. 2023.
- ASCANIO, Alfredo. El objeto del turismo ¿Una posible ciencia social de los viajes? *PASSOS – Revista de turismo y patrimonio cultural*. v.8, n.4, p.633-641, 2010. Disponível em: <<https://ojsull.webs.ull.es/index.php/Revista/article/view/2354>> Acesso em: 2, fev. 2023.
- BARRETTO, M. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. Campinas: Papyrus, 2008.
- BRANDÃO, A. L. R.; CORIOLANO, L. N. M. T. Eixos do Turismo: convencional e contra-hegemônico em Jericoacoara – CE. *Formação (Online)*, v. 3, n. 23, 2016. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/3835>> Acesso em 7, mar. 2023.
- CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. "Introdução". *Revista do Patrimônio*, n. 32, Patrimônio imaterial e biodiversidade, Rio de Janeiro: IPHAN, 2005, págs. 15-30. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/rev_pat_n32.pdf> Acesso em 25, jun. 2021.

FALCÃO, C. H. P. Turismo social: em busca de maior inclusão da sociedade. In: CARVALHO, C. L. de; BARBOSA, L. G. M. (Eds.). Discussões e propostas para o turismo no Brasil. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2006.

FREITAS, Sonia Maria de. História Oral: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GASTAL, Susana de A.; MOESCH, Marutschka M. Turismo, políticas públicas e cidadania. São Paulo: Aleph, 2007.

GINZBURG, Carlo. O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GODOY, Karla Estelita. Controvérsias do turismo como atividade sustentável em museus. *Revista Museu*. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2015/8386-controversias-do-turismo-como-atividade-sustentavel-em-museus.html>>. Acesso em 18, mai. 2023.

GODOY, Karla Estelita. Turismo e viagens culturais on-line em tempos de pandemia: um estudo de base etnográfica sobre o projeto Viajar de Casa. In: William Cleber Domingues Silva. (Org.). *Turismo, Cidades, Coleccionismo e Museus*. 1ªed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2021, p. 1-22. Disponível em: <<https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/post/turismo-e-viagens-culturais-on-line-em-tempos-de-pandemia-um-estudo-de-base-etnografica-sobre-o-projeto-viajar-de-casa>> Acesso em 15, fev. 2023.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Patrimônio Como Categoria de Pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, Materialidade e Subjetividade: as culturas como patrimônios. *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n.23, jun. 2005. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ha/a/wRHHd9BPqsbDBzSM33NZcG/?lang=pt>> Acesso em 18, out. 2021.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (orgs.) A invenção das tradições. RJ: Paz e Terra, 1990.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. *Divulgação anual – Turismo 2019*. DF: IBGE, 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=28243&t=sobre>> Acesso em 10, mai. 2023.

JAFARI, Jafar. El turismo como disciplina científica. *Política y Sociedad*, v. 42, n. 1, p. 39-56, 2005. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1307535>> Acesso em 4, mai. 2023.

JULIÃO, Liliana de C. Santos. *Cidade, Cultura e Turismo: o impacto turístico em Guimarães, capital europeia da cultura 2012*. Dissertação de Mestrado em Turismo – Especialização em Gestão Estratégica de Eventos – Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril. Portugal. 113p. 2013. <<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/6293>> Acesso em 21, abr. 2023.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história” In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

MACCANNELL, Dean. *El turista: una nueva teoría de la clase ociosa*. Barcelona: Melusina, 2003.

MAURÍCIO, Marjorie.; ABREU, Regina. A relação entre turismo e patrimônio uma análise teórica. In: *Anais do 3º CONINTER*, Salvador, 2014. p. 400-418.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, PUC-SP*, v.10, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>> Acesso em: 24 dez. 2022

TORINO, Isabel Halfen da Costa. A memória social e a construção da identidade cultural: diálogos na contemporaneidade. In: *Contribuciones a las Ciencias Sociales, Servicios Académicos Intercontinentales*, dez. 2013.

TRIBE, John. The indiscipline of tourism. *Annals of Tourism Research*. v. 24, n.3, p. 638-657, 1997.

Sobre os autores:

Raniery Silva Guedes de Araujo: Mestre em Turismo – PPGTUR (UFF), Especialista em Ensino de História e Geografia na EJA (UniBF), Especialista em Políticas Públicas (CESMAC), Licenciado em História (UNESA), Tecnólogo em Turismo (IFAL). Professor/Tutor da Unit/Afya.

Karla Estelita Godoy Waizbort: : Pós-doutorado em Antropologia (UFF), Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana (UERJ), Mestrado em Memória Social (UNIRIO), Bacharelado em Museologia (UNIRIO). Professora Associada IV da Universidade Federal Fluminense, vinculada ao Departamento de Turismo da UFF. Docente do Programa de Pós-graduação em Turismo (PPGTUR-UFF). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Turismo, Cultura e Sociedade (UFF).

Artigo recebido para publicação em: 26 de maio de 2023.

Artigo aprovado para publicação em: 29 de agosto de 2023.

Como citar:

ARAUJO, Raniery Silva Guedes de; WAIZBORT, Karla Estelita Godoy. Turismo familiar: memórias, fenômeno turístico e o carnaval pilarense (AL). *Revista Transversos*. Dossiê: Por uma História do Turismo: Atividade e fenômeno turístico em perspectiva histórica. Rio de Janeiro, n.º. 28, 2023. pp. 138-157. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/76482>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2023.76482

